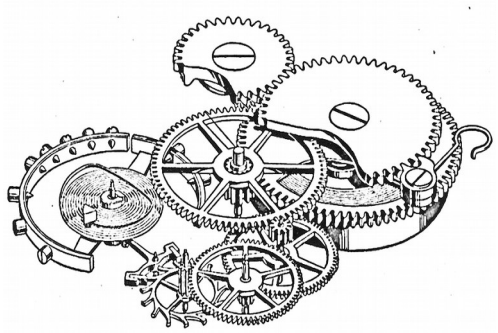

revista_**p**ortuguesa_de_**p**sicossomática
ISSN 2183-9344 | Nº 3 | *online* | artigo original

REFLEXÕES SOBRE A PRESENÇA OU AUSÊNCIA DO CORPO

*(*Ângela Vila-Real (1)*

Resumo

O objectivo deste artigo é o de fazer uma reflexão teórico-clínica sobre a importância psicodinâmica do corpo para a identidade e para a organização de género. As questões partem da experiência subjectiva do corpo de vários pacientes e especialmente da dinâmica trans que nos força ao questionamento das nossas concepções no que se refere à centralidade do corpo.

Palavras chave: corpo, identidade, género, trans.

Abstract

This article aims a clinical and theoretical reflection about the psychodynamic importance of the body for both identity and gender organization. The issues are raised from the subjective experience of the body of several patients and especially the trans dynamics that forces us into the questioning of our conceptions concerning the centrality of the body.

Key Words: body, identity, gender, trans.

* (1)Professora auxiliar do ISPA- IU,
Psicanalista da SPP*)*

O corpo é um objecto material e por isso tomamo-lo como algo certo, seguro e incontestável sobre que podemos basear-nos para nos apreendermos e para apreendermos o mundo circundante. Mas esta realidade que é física e material tem de constituir-se ao longo do tempo e, ainda antes do nascimento, é alvo de um investimento prévio por parte dos progenitores que nele projectam as suas fantasias e desejos.

A motivação verbalizada por certos pacientes que pretendem uma psicanálise ou uma psicoterapia para saberem quem são, resulta, ao longo do trabalho clínico, numa transformação com incidência no corpo que se torna *"uma realidade realmente corpórea".* Winnicott (1970), entendia que o corpo tem de ser personalizado e Lacan (1949), na sua concepção do estádio do espelho, mostra como a descoberta do corpo como uma totalidade é acompanhada por um estado de surpresa e júbilo. Também Freud (1905) fala de um corpo parcelar que se constitui devido à erogeneidade de zonas parciais que se integrariam a partir da adolescência. Mas a importância que conferiu à erogeneidade cutânea que permite a delimitação e constitui o dentro e o fora do corpo foi um aspecto que não teve o impacto que a sexualidade obteve dentro do seu corpo teórico. E, todavia, o autor volta a falar desta questão da delimitação dentro/fora mais tarde (1915), descrevendo uma dinâmica complexa de mecanismos de introjecção e projecção constitutivos de polaridades (dentro/fora, sujeito/objecto, Eu/mundo exterior). Sublinha assim diversas polaridades de fundo, organizando-se ou mobilizando-se na precoce experiência sensorial.

A experiência sensorial primária de delimitação do corpo pode aparecer sob a forma de rubor na face, correspondendo a vergonha ou eczemas que sublinham a pele como limite e fazem afastar a possibilidade de intrusão por um objecto invasor. Estas manifestações surgem em momentos de indefinição ou vulnerabilidade identitária, indiciando a busca de uma diferenciação clara.

E. relata uma experiência de consciência do seu corpo enquanto se deslocava pela rua e sentia o corpo, a postura, os movimentos e queria estar assim, só consigo, imóvel e voltada para dentro de si. Trata-se de um movimento regressivo e de reconhecimento de si própria através da percepção proprioceptiva. O corpo é central na definição de si, mas não apenas a sua superfície pois que o seu reconhecimento é feito através da postura e dos movimentos.

Schilder (1950), na sua obra sobre a imagem corporal, chama a atenção para os vários contributos para a formação de uma imagem corporal, mas sublinharemos que o seu modelo, concebido com base em sensações posturais, é mutável. O corpo que reconhecemos como sendo o nosso, como constitutivo da nossa identidade, muda ao longo do desenvolvimento e do envelhecimento, o que obriga a um trabalho de adaptação, de construção, de acomodação de uma nova imagem que apesar das diferenças manterá, em princípio, alguma continuidade.

Mais recentemente, Anzieu (1995), retoma o interesse sobre a pele e aliando-a à teoria tópica salienta o seu aspecto identitário, no sentido de um invólucro continente, mas também no sentido de um pára-excitações protector do sujeito. Estes aspectos dão origem a uma série de outras funções formando o Ego.

O corpo mesmo como invólucro, como superfície, também se constitui. Poderá compreender-se a importância da sua incompletude e do investimento dos seus contornos nas preocupações com a musculação, com a actividade física ou as tatuagens que sublinham o limite. A superfície é moldada e modelada e tanto mais vincada quanto maiores forem as dúvidas acerca da sua delimitação.

Mas a constituição do corpo como elemento fundamental da nossa identidade exige contributos diferentes que se articulam e entretecem. Além dos claramente sensoriais, outros são de ordem cultural. Quando uma criança nasce é previamente sonhada, fantasiada e o seu corpo que parece ser a sua base identitária de partida é desde logo marcado pelas fantasias e desejos subjectivos dos seus progenitores e pelos aspectos culturais que vão desde o modo como uma criança deve ser cuidada e por quem deve ser cuidada, até ao modo como deve ser vestida. Havendo hoje uma maior variabilidade, tem sido tradição vestir os meninos de azul e as meninas de cor-de-rosa para imprimir desde o início a diferença entre os sexos. Embora não se compare à circuncisão faraónica não deixa de ser, desde a origem, a organização em função de uma dicotomia que não se refere apenas ao exterior ou às funções sociais, também estas tradicionalmente diferenciadas segundo o sexo. Trata-se de uma dicotomização que marca e atravessa toda a constituição identitária, como não podia deixar de ser.

Não se trata da única dicotomia. Recordemos a diferença entre corpo e mente, racional e irracional, eros e psique, masculino feminino. Freud (1915), também definiu uma série de dicotomias e todo o edifício psicanalítico, mesmo depois de Freud, continuou a reger-se por uma necessidade de dicotomias.Esta dicotomização manifesta-se de modos variados na relação social ou amorosa.Para alguns, o problema das relações amorosas, não são as relações em si mas o envolvimento corporal. Todas as necessidades ou prazeres corporais podem ser incómodos. Melhor dizendo, os prazeres e necessidades corporais, à força de serem incómodos, não são verdadeiramente prazeres. Um paciente até preferia não comer ou não se apercebia do que comia e lamentava mesmo precisar de se alimentar. Recorda que durante algum tempo se treinou a não ter fome, não ter prazer, não ter frio e mesmo não ter dor. O corpo tornou-se-lhe ausente... Tanto quanto possível, pois o incomodava o facto de saber que a fome era algo que não podia controlar e sempre teria de depender da alimentação. Tinha necessidades de que não queria depender.

Sublinhe-se, acima de tudo, a rejeição do corpo como base identitária. Mais do que a confirmação do corpo de desejo

coloca-se a confirmação de uma realidade corporal física material que é preciso anular. Trata-se, portanto, de um problema de ordem narcísica com reflexo na relação transferencial. A relação entre nós era uma não-relação porque excluía as emoções ou afectos e os corpos. Ambos éramos apenas dois cérebros que pensavam de uma maneira lógica e isso é que era seguro.

Mente e corpo podem ser duas ordens a tomar separadamente. O discurso religioso insistiu em mantê-las diferenciadas pela simples razão de que a mente não era atravessada pelo desejo que se opunha à alma de sublime emanação divina. Mas o corpo não deixava de ser importante também através da ideia de origem do pecado que corrompia e trazia consigo a culpa.

Porém, no caso que acabei de referir, é o problema narcísico que opera uma cisão entre orgânico e psíquico para evitar que este seja dependente daquele e afirme sobre ele o seu triunfo.

Foquemos agora a relação de objecto. A experiência identitária regressiva de E., cedo se articula com um investimento em figuras femininas que ela admira. Mas ainda antes disso, recorda como era Maria Rapaz e como por alturas da puberdade tem uma relação íntima com outra menina com quem partilha segredos. A intensidade desta experiência regressiva, desta busca da relação primária, angustia-a por vir acompanhada de um sentimento de fragilidade, desorganização e forte componente homossexual. Não se reconhece e teme ficar completamente dependente.

Esta experiência enquadra-se nas concepções de que existe uma identidade de género primária que, nas raparigas, se organiza e desorganiza com colorido homoerótico. Dentro desta linha conceptual encontramos Stoller (1964) ou Chodorow, N. (1978). Ambos falam de uma definição do género precoce ligada à relação com o objecto primário, tanto para raparigas como para rapazes. O objecto que cuida, que alimenta e que contém ao colo, também alimenta uma "identidade nuclear" para utilizar a designação de Stoller. É uma construção muito precoce que implica a formação do género a partir da experiência de si e do contacto com o outro, mas dentro de um contexto mais vasto que o anteriormente concebido e dependente das identificações primárias com o feminino.

Só mais tarde surgiria a problemática do desejo sexual genital e da triangulação. Por isso, muitos teóricos consideravam que a verdadeira formação do homem ou da mulher era coincidente com a introdução na cultura e na organização sexual. Todavia, mesmo a triangulação edipiana e o desejo sexual, com Klein (1945), surgem muito mais precocemente. A teoria Kleiniana tem a virtualidade de explicar, do ponto de vista apenas dinâmico, a existência de uma bissexualidade psíquica que não seja inferida a partir de uma bissexualidade biológica. Este facto tem uma enorme importância porque na verdade a acção das psicanalistas feministas, centrando a discussão sobre o órgão sexual feminino para comprovar que não se tratava de um não-órgão (Horney,1933), manteve a questão não apenas ligada ao corpo, mas baseada na necessidade de desenvolvimento a partir dele e determinada por ele. A dicotomia masculino/feminino manteve-se, apesar de tudo, muito ligada à diferença anatómica dos corpos, porque mesmo com Klein, as identificações de cada indivíduo acabavam por ser predominantemente homólogas. Assim, a fêmea humana tornava-se mulher e o macho humano tornava-se homem. Logo, sexo e género coincidiam.

Curiosamente, os problemas e discordâncias situaram-se sobretudo no que respeita à organização sexual na fase fálica, como se tudo começasse naquele período e apenas o complexo de Édipo fosse o organizador do género.

O modelo binário manteve-se durante muito tempo a única concepção na psicanálise. O facto de nascerem indivíduos com órgãos diversos alimentou a ideia de que a identidade e o género eram baseados nesta diferença originária que parecia a natural. Todavia, se analisarmos os estudos de Freud sobre a sexualidade e a identidade sexual, não encontramos à partida um modelo binário. Mas o seu discurso nos Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905), provocou um grande brado e oposição. A ideia de que o homem adulto deriva de uma sexualidade infantil que se desenvolve e a ideia de que essa sexualidade não está determinada à partida e existe uma enorme gama de variações, foram difíceis de aceitar. Para Freud, nenhum ser humano nasce homem ou mulher, mas torna-se homem ou mulher por um fenómeno de desenvolvimento. Mas, mais ainda, a sua concepção é a de que todos os seres humanos são originalmente bissexuais e depois evoluem frequentemente para uma das duas formas mais comuns. Esta ideia tê-la-ia ido buscar ao hermafroditismo biológico. Do mesmo modo que existia um hermafroditismo biológico, também existia um hermafroditismo psíquico, o que conduziu, por sua vez, à manutenção da referência anatómica como uma base segura para a ancoragem de uma identidade de género. Todo o desenvolvimento deveria conduzir, portanto, de forma normativa, a uma identidade polarizada no feminino ou no masculino.

O movimento feminista liga ainda mais a identidade de género e, sobretudo, a identidade feminina, à anatomia e à maternidade vistas como as grandes características do feminino. Era a comprovação de que a anatomia feminina nada tinha de inferior. Mas continuava a colocar-se a questão do género apenas ao nível do corpo e da sua materialidade.

Em Lacan (1958), encontramos um entendimento pertinente de que não se trata da supremacia do órgão masculino em si, mas do seu valor simbólico. Esta precisão teve uma enorme importância por evidenciar a situação particular da mulher e da menina que se confrontava com o mundo cultural. Para Lacan (1958), o importante na formação do ser humano é a cultura em que ele se encontra mergulhado, sobretudo no seu aspecto simbólico. Assim, a menina confrontava-se com uma

cultura em que o falo é entendido como um símbolo de poder que pertence aos indivíduos que possuem um pénis. Trata-se portanto, de uma sobreposição de um aspecto simbólico a um aspecto anatómico concreto. Consequentemente, no que à rapariga diz respeito, a fantasia da castração está relacionada com a constatação de uma desigualdade, de uma inferioridade social veiculada e inculcada no feminino. O género feminino era definido pela desigualdade, pela inferioridade, pela passividade, pelo masoquismo. A inveja do pénis podia então ser compreendida não só como uma constatação de uma falha do ponto de vista da anatomia, mas também como uma ferida narcísica articulada com uma desigualdade social (e até mesmo imputável a ela), como explicita E. Bleichmar (1988).

Tal como Freud notou, não existe uma polaridade clara e, mesmo quanto às identificações e à escolha de objecto, se atentarmos à realidade sem excesso de pudor ou receio verificamos o que outros têm verificado. Goldner (1991, 2011), Harris (2005, 2011) e Corbett (2011), opõem-se à conceptualização binária do género que é mesmo considerada como uma clivagem obtida por imposição social. Corbett (2008), concebe o género como uma construção complexa em que estão contidas interacções psicológicas, somáticas e culturais que se impõem desde a origem ou ainda antes, uma vez que uma criança nasce numa cultura que já está pré-determinada e da qual tem de colher a informação, receber o afecto e de que tem de depender durante muitos anos. Ao nascer mergulha nessa cultura com todas as suas normas que a um tempo a organizam e constrangem. Esta percepção fez com que estes autores interrogassem e desconstruíssem as construções do género e se apercebessem de como este está ancorado no complexo de Édipo que é, evidentemente, uma construção cultural. Freud usou o mito de Édipo como metáfora para a explicitação de um período da vida em que a criança passava por um complexo de emoções e mecanismos de defesa na sua relação com os seus objectos que, ao mesmo tempo que a definiam, a introduziam no domínio da cultura.

A importância desta metáfora e da constatação deste período foi enorme e provocou uma movimentação também no campo antropológico em que, por exemplo Lévi-Strauss (1949), explicitava as estruturas elementares do parentesco e, por essa via, justificava a relação homem/mulher, a organização familiar e a organização social sob o domínio patriarcal e também, como frisa mais tarde Devereux (1965), a manutenção de uma homossexualidade masculina recalcada e compensada/controlada pelas trocas de mulheres. Os estudos antropológicos e etnopsicanalíticos, independentemente da justificação que possam trazer à organização patriarcal, mostram como as identidades e sobretudo as identidades de género têm uma função cultural que é prévia ao nascimento da criança e, portanto, há-de forçosamente recobrir uma necessidade da própria cultura. E como mudam as culturas? Como mudam as culturas interiorizadas que se inscrevem nos nossos corpos e nos moldam os psiquismos?

Recentemente, os trabalhos de psicoterapia psicanalítica com transsexuais têm feito reflectir sobre uma série de conceitos e mecanismos de construção identitária que não parecem seguir os padrões habituais e nos questionam ao nível da teoria e da clínica. Saliento apenas o trabalho de Alessandra Lemma (2012) com uma transsexual Homem□Mulher. Nesse, como noutros trabalhos, põe-se a questão da inadequação entre a anatomia e o género a que o sujeito sente pertencer e procura colmatar através da cirurgia. Lemma (2012) refere-se a um sentimento doloroso de incongruência e a uma acentuação das características do género que se pretende ter. Do ponto de vista do sujeito que, sendo homem, pretende ser mulher, Lemma (2012), foca a importância da fantasia que leva um indivíduo a colocar toda a sua esperança numa operação, como se a mudança anatómica fosse a resolução de todos os problemas e a promessa da verdadeira felicidade. A maior ou menor decepção revela a necessidade do acompanhamento psicológico que permita uma adaptação a um novo corpo e a uma nova vida.

Mas as mudanças de sexo ou o seu desejo colocam questões à psicologia e sobretudo à teoria psicanalítica sobre o género. Se género e sexo são agora vistos como realidades natural e completamente diferenciadas, não há dúvida de que os transsexuais o mostram, mas há mais a reflectir. Vejamos que nos transsexuais o corpo não só volta a estar no primeiro plano, mas também está errado. Dito de outro modo, género e sexo são incongruentes, mas o sexo terá de mudar, posto que é preciso ver e dar a ver outra anatomia. Tornando-se o corpo visível tão importante, cabe questionar a articulação desta necessidade com a relação de objecto na dinâmica actual do indivíduo, mas também a dinâmica da vida pós-parto. A mudança anatómica alterará certamente a dinâmica relacional e a posição do indivíduo no meio social. Por outro lado, tal como Goldner (2011) fez notar, talvez o género esteja mesmo em "queda livre", não apenas nos trans, mas como concepção. A sua ideia de que o género é uma organização que oscila entre dois extremos opostos durante toda a vida, contém ainda a referência aos opostos como organizadores conceptuais. Na sua opinião, ao longo da vida a definição identitária de género pode variar o que permitiria justificar as mudanças em idades tardias, não como um "coming out", mas como verdadeiras alterações de género.

Neste sentido, continua a ser importante saber como se organiza o género, que papel tem o corpo na sua organização, mas também todas as outras influências que têm de ser encaradas como estando em interacção recíproca desde o início da vida.

De acordo com alguns autores (Corbett, 2008), o Édipo não pode continuar a ser considerado como um organizador universal. Contudo, se o encontramos na clínica, mesmo no caso de percebermos clara predominância de identificações primárias, ou mesmo em alguns casos uma confusão de identificações a vários objectos cuidadores que por vezes são conflituais, talvez sejamos obrigados a encará-lo e a estudar o modo como ele é apropriado e utilizado nas diferentes

configurações de género.

Referências

(6) Anzieu, D. (1995). *Le Moi-peau.* Dunod, Paris(13) Bleichmar, E. (1988). O feminismo espontâneo da histeria. Artes Médicas. Porto Alegre(8) Chodorow, N. (1978). *The reproduction of mothering.* Berkeley: University of

California Press.(21) Corbett, K. (2008) Gender now. *Psychoanalytic Dialogues,* 18, 838–856.(18) Corbett, K. (2011) Gender Regulation. *The Psychoanalytic Quarterly,* Volume

LXXX, Number 2(20) Devereux, G. (1965). *Considérations Ethnopsychanalytiques sur la Notion de*

Parenté. Ethnopsychanalyse Complémentariste, Flammarion, Paris, 1972(3) Freud, S. (1905). Three essays on the theory of sexuality. *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud.* 7, London, Hogarth Press

& the Institute of Psychoanalysis.(4) Freud, S. (1915). Instincts and Their Vicissitudes. *The Standard Edition of the*

Complete Psychological Works of Sigmund Freud. 14, London, Hogarth Press &

the Institute of Psychoanalysis.(14) Goldner, V. (1991). Toward a critical relational theory of gender. *Psychoanalytic*

Dialogues, 5. 1(3), 249-253(15) Goldner, V. (2011). Trans: Gender in Free Fall. *Psychoanalytic Dialogues,* 21.2,

159-171(16) Harris, A. (2005). *Gender as a soft assembly.*

Hillsdale, NJ: The Analytic Press (17) Harris, A. (2011). Gender as a Strange Attractor: Discussion of the Transgender

Symposium. *Psychoanalytic Dialogues,* 21: 230-238

(10) Horney, K (1933).The Denial of the vagina. A contribution to the problem of the genital anxieties specific to women. *Feminine Psychology.* N. Y. W.W.Norton, 1967

(9) Klein, M. (1945). Le complexe d'Oedipe éclairé par les angoisses précoces. *Essais de Psychanalyse.* Paris. Payot , 1978

(12) Lacan, J. (1958). *La signification du phallus.* Écrits. Paris. Le Seuil.(2) Lacan, J. (1949). *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je,* Écrits,

Paris, Le Seuil(20) Lemma, A. (2012). The body one has and the body one is: Understanding the

transsexual's need to be seen. The International Juornal of Psychoanalysis

(19) Lévi-Strauss, C. (1949). Les Structures élémentaires de la parenté. La Haye-Paris, Mouton. 1968.

(5) Schilder, P. (1950). The Image and Appearence of Human Body: Studies in the Constructive Energies of the Psyche. New York: International Universities

Press, 1950(7) Stoller, R.J. (1964). A contribution to the study of gender identity. *International*

Journal of Psychoanalysis, 45: 220-226(7)Stoller, R.J. (1985). Presentations of Gender. New Haven, CT: Yale University

Press(1)Winnicott, D. (1972). Basis for Self in the Body, *International Journal of Child Psychotherapy,* 1: 7-16